Lisboa, 5 de Maio de 1938

A VENDA do MOÍNHO

por VIRGÍNIA LOPES de MENDONÇA

O Tio Miguel moleiro, mais a neta, a pequena Aninhas, tão cêdo órfã, santa vida haviam passado no velho moínho. O burrinho que ajudava à lida e várias ninhadas de coelhos, abrigavam-se também lá dentro, como fazendo parte da família.

Nos buracos da parede viviam lagartos e lagartixas.

Quando o moleiro assobiava certa modinha, punham logo as cabecitas de fóra, o que muito fazia rir a Aninhas.

Os pássaros e as brilhantes rãs da ribeira próxima, acompanhavam com os seus cantos a actividade do moinho.

Mas o bem nem sempre dura!

Assim, arruinado como estava, o moínho era o único bem do tio Miguel.

Já sem fôrça para trabalhar, o vèlhote deixára a miséria bater-lhe à porta e vira-se na necessidade de vender o moínho!

Agora, desde que as velas estavam paradas, até o próprio burro compartilhava o desgôsto dos donos, vagueando de orelha murcha, ou zurrando, desesperadamente, como a despedir-se da erva saborosa que tanto tempo saboreara.

Um inglês ricaço, dono duma propriedade nos arredores, foi quem arrematou o moínho.

Mandou entregar ao tio Miguel a importância da venda, condescendendo ainda uns dias para o moleiro, a neta e o burro abandonarem a casa.

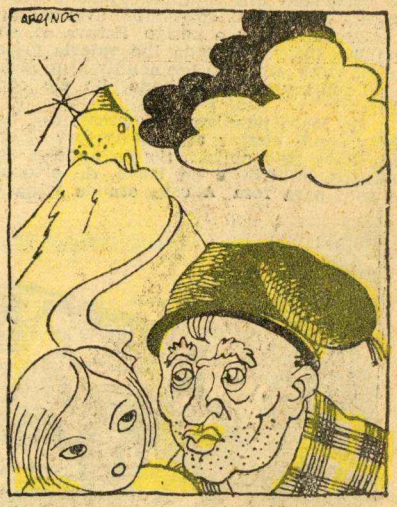
Com êsse dinheiro, ficaram pagas as dívidas e ainda sobraram umas notas que o pobre velho, muito acabrunhado, voltava e tornava a voltar, entre os dedos trémulos, só compreendendo uma coisa:

O moínho já não era dele!

Anínhas também quedára pensativa, como a figura da desolação.

Na relva, a sua boneca, comprada pelo seu avô numa feira, repousava, inconsciente da desgraça que caíra sôbre a sua dona.

Ao pôr os olhos nela, a pequena teve uma idéa inspiradora: — Ainda estava em muito bom estado a sua Rosalinda, assim lhe chamava, — pois fôra sempre tratada com os maiores cuidados... Depois, lembrou-se da cruz e do anel da mãi que guardava religiosamente e do pintassilgo que tão bem cantava na gaiola pendurada na janela do seu quarto



Quanto valeria tudo aquilo. ?!...

—«Se tiver de abandonar o moínho, o avô, certamente, morrerá...» — pensou, num desespêro.

Então, resoluta, apanhou do chão a boneca, foi buscar ao quarto a cruz e o anel e meteu-se a caminho,

A estrada era longe e o sol escaldava.

Depois de andar horas a fio, chegou, finalmente, ao portão da quinta do inglês.

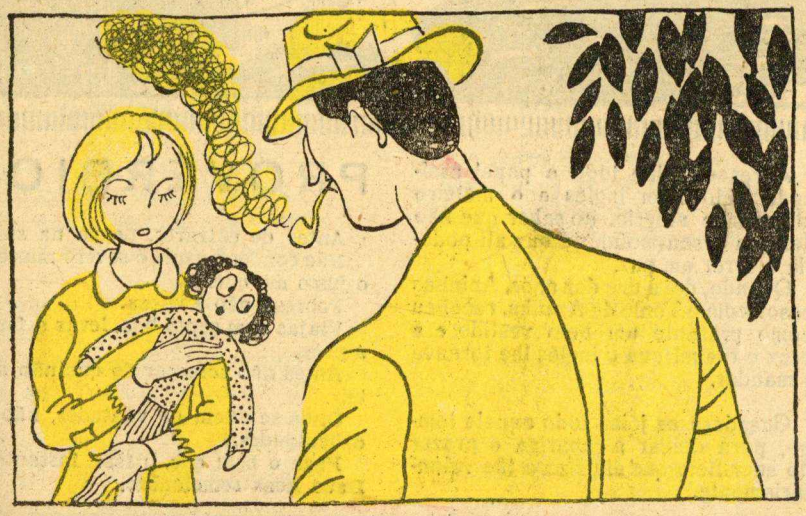
Vinha êle a saír e logo estranhou a atitude da pòbrezinha, com a boneca nos braços, o fato esfarrapado e a carinha muito triste a cansada.

— «Que queres tu?» — preguntou-lhe, com bondade.

Animada, a Aninhas estendeu-lhe a boneca e os ouros, dizendo:—«É para tornar a comprar o moínho do avô.

Ainda tenho um pintassilgo. Posso-o trazer, também.»

Quando percebeu a intenção da pequena, o inglês sorriu docemente,



TRINCA ESPINHAS, UM VALENTE

por MARIA ARCHER

CHOVIA muito... Êsse inverno fôra terrível, rigoroso de vento, neve, e chuvadas. As serras recebiam mantas e mantas aquosas e escorriam para os rios os caudais imensos que iriam alagar as terras baixas. O rio Mondego trasbordava, inundava os campos de Coimbra, e da cidade via-se a imensa planície circunvizinha, coberta da colcha líquida que desgraçava o lavrador.

Tudo perdido, sementeiras, adubos grageio... Previa-se um ano de fome. E o rio sempre a crescer, a rugir! Que pavor! Um dia, via-se a água a subir até à porta; no dia seguinte chegava ao telhado! As famílias, assim que a cheia se aproximava, abandonavam as casas com os haveres que podiam transportar.

A família do António Carrasqueiro, quando viu a cheia lamber o muro do quintal, fugiu para longe levando em carroças as roupas, os móveis, os utensílios da cozinha, as recordações familiares.

Porém já não houve tempo para salvar o celeiro. As águas avançaram a galope.

Na casa dêles vivia o Trinca-espinhas, garoto de seis anos, que era um engeitadinho recolhido por caridade. O miúdo dormia no celeiro. Ora, na ocasião da fuga, esqueceram-se dêle, abalaram da casa ameaçada pela cheia, deixando a criança sòzinha, no celeiro, cercado pelas águas do rio assassino.

Trinca-espinhas acordou, alta noite, com a sensação gelada da água a correr-lhe o corpo. Sentou-se na palha e olhou. A escuridão era completa. Mas aos seus ouvidos chegava o rumôr da água *chape-chape*, avançando na sua carreira fatal.

Compreendeu o perigo. Estava só, só com os seus recursos podia contar. De nada lhe valeria gritar, chorar, porque não havia ninguém para lhe acudir. Que fazer?!...

Lembrou-se do telhado. Se êle conseguisse subir ao telhado!

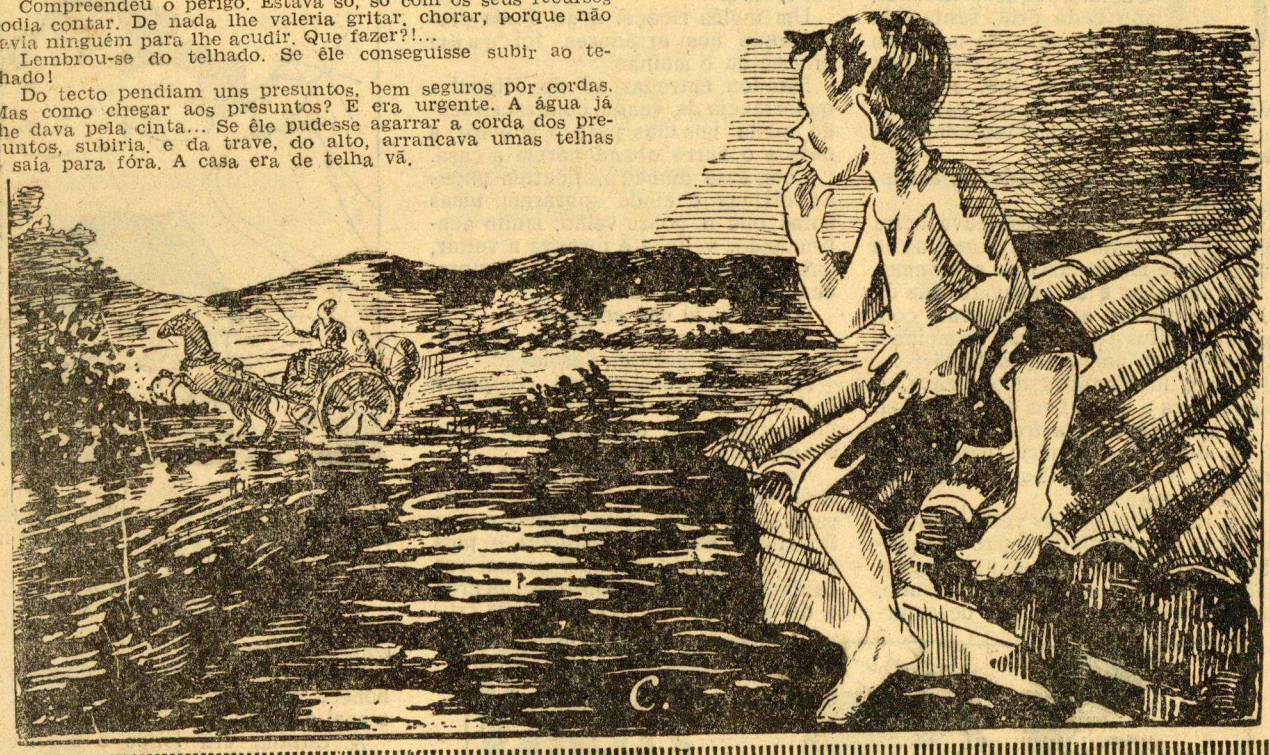
Do tecto pendiam uns presuntos, bem seguros por cordas. Mas como chegar aos presuntos? E era urgente. A água já lhe dava pela cinta... Se êle pudesse agarrar a corda dos presuntos, subiria, e da trave, do alto, arrancava umas telhas e saía para fóra. A casa era de telha vã.

Juntou uns molhos de palha, atirada às braçadas com os seus pequenos braços. Levava tempo; e o rio subia, subia... Mas antes de ter água pelo pescoço, conseguiu equilibrar a palha suficiente para trepar até à corda dos presuntos. Agarrou-se e, a pulso, como um atleta, içou-se até à trave do alto.

Montado na trave, começou a deslocar as telhas. Lá conseguiu mover uma e, após essa, outra. Pelo buraco saíu para fóra.

O espectáculo era horrível. Um mar, água e mais água, com as copas das árvores a assomarem aqui e além! A estrada nem se via, a-pesar-de passar lá em cima, num sítio mais elevado. A água cobria tudo. E sempre a subir... Atingiria o refúgio do Trinca-espinhas, êsse telhado onde a criança pensava salvar-se do pavor da noite e da cheia? Não se sabia.

De súbito, êle ouviu relinchar um cavalo. Olhou. Pela estrada, afrontando o perigo, seguia uma carroça com um homem e uma mulher. Fugiam da cheia, segundo parecia. Como a estrada era em terreno alto, as rodas da carroça só mergulhavam até ao eixo. Mas, mesmo assim, já o cavalo se recusava a avançar... O homem, irritado, e querendo marchar para escapar ao rio assassino, puxou do chicote e começou a chicotear o cavalo. O animal espantou-se. Correu um bocado, encabritado, e acabou por se despenhar, com a carroça e os passageiros, num sítio onde a estrada tinha mais de três metros de nível, relativamente aos campos em baixo. O homem e a mulher gritavam. E o cavalo, com um relincho de agonia, afogou-se pouco depois.



acariciou a facezinha da Aninhas e respondeu:

— «Descansa! O negócio convém-me, mas podes levar a tua boneca e guarda o pintassilgo; basta que fiquem as joias.

Assinou, então, um papel em que dizia que deixava o velho Miguel guarda do moinho, com um ordenado mensal.

Triunfante, com o papel espetado nas mãos, a pequena tornou, então, a correr, a bom correr, até ao moinho, onde encontrou o avô, no mesmo estado de abatimento.

Apresentou-lhe logo o papel assinado pelo bom inglês e o moleiro chorou de alegria, ao saber que não deixava o seu moinho e que ali poderia morrer em paz.

Quando, daí a uns dez anos, Aninhas casou com o Tónio da Azenha, recebeu como presente um belo vestido e a cruz e o anel que o inglês lhe tornava a mandar.

Guardara as jóias todo aquele tempo, para deixar à rapariga o prazer do sacrifício que ela fizera tão voluntariamente.

PROVÉRBIOS

Antes de entrares, pensa na saída.

Não condeno o que é severo mas com o justo me quero.

Pobreza não é vileza.

Viajas com genta boa, levas a fortuá prôa.

Antes não começar do que não acabar.

Onde se unem as vontades, não há dificuldades.

Faze o bem que, nesse instante, a Deus ficas semelhante.

O homem e a mulher continuavam a gritar. O Trinca-espinhas não lhes podia valer, e sofria por assistir àquela dor que não era possível remediar. De repente, a mulher calou-se, deixou de gritar. Teria morrido? Só o homem bradava, de quando em quando. Então, o Trinca-espinhas disse:

— «Há, aqui, um telhado, podem recolher-se...»

A voz do homem respondeu:

«A minha mulher desmaiou, agarrei-me a uma árvore, mas não a posso largar porque ela vai-se com a fôrça da corrente. Estamos dentro de água.»

O Trinca-espinhas respondeu:

— «Qual é a árvore?»

— «Uma figueira;» disse o homem

— «Aí posso eu chegar, (Disse o Trinca-espinhas). Espere um bocado que vou arranjar uma corda.»

Voltou ao celeiro e puxou os presuntos para fóra. Com o seu canivete, cortou as cordas que os prendiam. Depois, amarrou-se pela cintura e amarrou às traves da casa a outra ponta da corda. Assim amarrado, deitou-se à água. Naquele sítio havia um pomar, de forma que teve sempre árvores a que se agarrar, até encontrar a figueira onde o homem e a mulher se refugiaram.

Chegado lá, passou ao homem a ponta da corda, que trazia na cinta, e amarraram-na à árvore. Assim, tinham um amparo contra a fúria da corrente. O homem segurou a mulher ao ombro e, amparado na corda que lhe fornecera o herói de seis anos, transpôs o espaço inundado, com o pequeno na frente. Subiram ao telhado e aí viveram dois dias, sós entre as águas, até que um barco os recolheu. O Trinca-espinhas foi, desde então, muito feliz na companhia dos seus pais adoptivos — aquêles a quem salvara.

DUAS ALMAS... DOIS DESTINOS

por FRANCISCO VENTURA

Houve, uma vez, numa aldeia,
Duas meninas formosas,
Da mesma idade e tamanho
E as duas muito bondosas.

Uma era pobre, outra rica;
— Mistérios de quem nos reje!
Uma nem tinha sapatos,
A outra andava de seje.

Ora a rica, que dispunha
De carteira sempre cheia,
Porque o seu pai era o homem
Mais rico de tôda a aldeia,

Dava esmolas avultadas
A todos que precisavam
E que, humildes e confiantes,
Á sua porta chegavam.

Mandava lenha e vestidos,
Com um cuidado materno,
Aos que viam com terror
As negras noites de inverno.

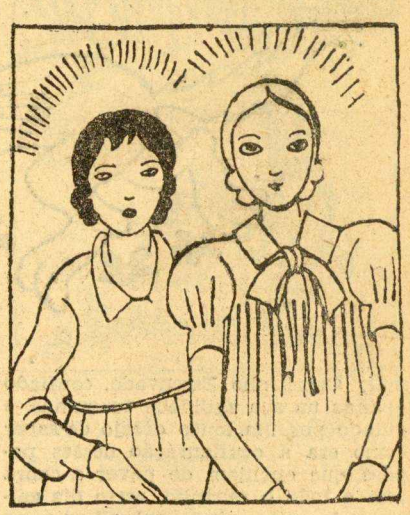
Ordenava aos seus criados
Que fôssem, lestos, fazer
Bons jantares para aqueles
Que não tinham que comer.

Tinha médicos de fama
Dentro da aldeia alojados,
Para que nunca os doentes
Perecessem sem cuidados.

Era certo que, orgulhosa,
Não falava aos pòbrezinhos,
Não lhes consolava as mágoas
Nem dispensava carinhos.

Mas dava tantos valores
Que nem se faz uma idéa.
Razão porque era querida
De tôda a gente da aldeia.

E a pobre, que é que fazia?
O que havia de fazer!
Coitada, se ela não tinha,
Ás vezes, nem que comer!

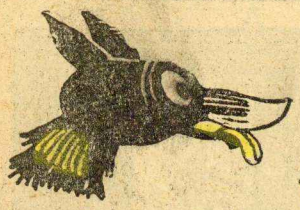


Se ela, sendo pequenina,
Já tinha que trabalhar!
Se não tinha pai nem mãi,
Como é que havia de dar?

Mas se não tinha dinheiro
A rodos, na sua mão,
Tinha uma coisa melhor:
Era o seu bom coração!

E com êle, unicamente,
Em milagres de ternura,

(Continua na pág. 6)



O LOBO PAPÃO E O CABRITINHO ESTOUVADO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITTA

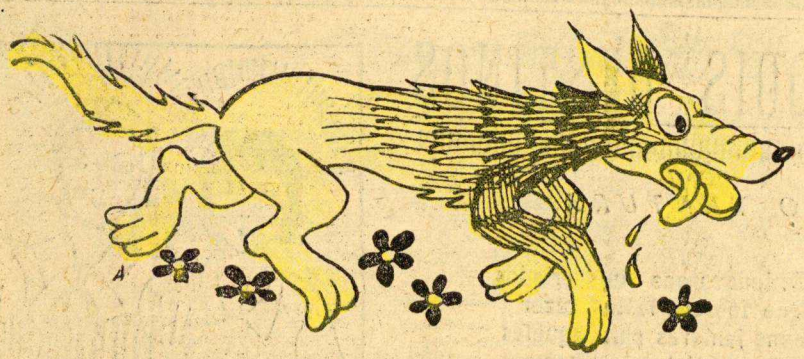
CABRITINHO ESTOUVADO levava uma bela vida. A-pesar de já crescidinho, sugava, ainda às vezes, a têta farta da sua estremosa mãi: — a cabra Malhadinha.

Mas se êle se pelava pelo bom e fresco leitinho maternal, não desprezava a ervinha tenra e fresca do prado, onde ia pastar, todos os dias, entre o rebanho do seu dono, ao romper da manhã, tôda orvalhada, ou ao caír da tarde, ao toque das Trindades.

Levadinho da breca, aos saltos e cabriolas, tinha a mania de se afastar da mãi e do pastor que os guardava, a-pesar dos conselhos maternais e dos constantes e aflitivos «mé-més» da Malhadinha, sempre a chamar por êle, não fôsse tresmalhar-se, perder-se entre as sebes e atalhos, para lá dos quais, nos fojos da montanhosa charneca, havia lobos papões que nos barrigudos sacos levavam consigo os cabritinhos e as ovelhinhas bèbés.

Sem fazer caso dos bons avisos da mãi, Cabritinho Estouvado, confiado apenas na sua agilidade traquinas, e guiado por um louco desejo de saber como era a configuração dêsses papões que enchiam de pavor a cabra mãi e todo o rebanho, certo dia galgou sebes e penedias, embrelhou-se no mato e nem deu pelo tombar da noite.

Já a lua brilhava, empalidecendo as pedras que dir-se-iam também assustadas como êle, já o rebanho àquelas horas entrara há muito no aprisco, já por certo a cabrinha mãi sofria atrozmente a sua falta, pensava êle arrependido, quando, ao longe, a uns cem metros talvez, um lobo faminto, aos uivos, surgia em busca de alimento.



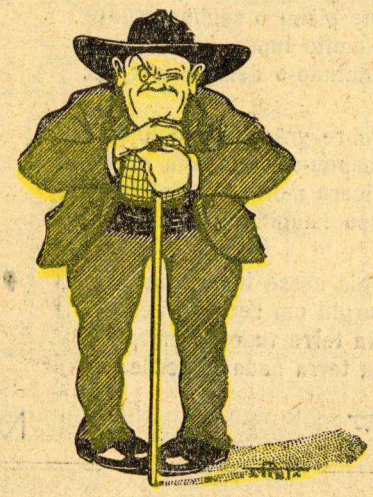
Quiz fugir!... O mêdo, entretanto, paralisou-lhe as patinhas. Tremia. O lobo avançava, de orelhas arrebitadas, guloso da prêsa que já considerava certa. Pardo, focinho agudo, dentuça arreganhada, duas brasas nos olhos, êle era bem o papão dos cabritinhos que a sua querida mãizinha lhe havia descrito tanta vez, depois de o aconselhar a ser prudente e discreto.

Eis o terrível resultado da sua desobediência à mãi-Cabrinha, pensava, arrependido, quando, sùbitamente, um «mé-mé» aflitivo ecoou em tôda a cercania, esfumada, cinzenta, sob a penumbra da noite. Cabritinho Estouvado voltou a cabeça e viu, num golpe de vista, a Malhadinha no topo duma escarpa, ofegante, cansada de tanto haver andado em busca do seu fílhinho. Um «mé-mé» angustioso, abafado, secundou o «mé-mé» do cabrinha.

Então, esta, dum salto e em louca correria, passou veloz como seta, junto do cabritinho, dizendo-lhe: — foge!... e avançou para o lobo, pronta a morrer, como o faria qualquer mãi na ânsia de salvar um filho.

Em face da arremetida inesperada, o lobo estacou a uns dez metros da cabra que estacara também, precisamente na altura em que o hercúleo pastor surgia no tôpo da mesma es-

MINHOTOS



Tónios, Maneis e Marias,
Gaita foles e Zé P'reiras...
Ei-los, garridos nas feiras,
Arraiais e romarias!...

Eles, levados da breca,
Sempre em doido desatino...
Calças à bôca de sino,
Chapeirão, faixa e jaleca.

Elas, de expressão magana,
Argolinhas nas orelhas.
Saias rodadas, vermelhas,
Corações de filigrana.

CORRESPONDENCIA

— MARIA ADELAIDE DE JESUS SANTOS. — Não gosto de ti, assim vingativa, Maria Adelaide. Vê se te emendas! Tu, que tens tão bom coração, que és tão esmoler, tão boa, não deves consentir, dentro de ti, êsse feio defeito. Promete-me que te emendas. Fico preocupada a teu respeito.

— MARIA HELENA SIMÕES. — Li, agora, a tua carta e fiquei profundamente triste. A confissão que me fazes apoquenta-me muito, acredita! Tanto defeito, Maria Helena! Tanta maldade!

Não estudas; ralas a tua mãi, ao máximo; és muito indolente; és desmazelada e injusta para as tuas criadas! Reflecte na situação que vais criando na vida! Como podes tu ser alguém, se não estudas, se és indolente e desmazelada? E como podes criar amizades, se espalhas a antipatia em tua volta? Não, Maria Helena: tu hoje vais começar a ser outra menina. Tens andado por caminho errado mas, graças a Deus, ainda é tempo de fazer de ti uma menina boa, educada e consciente.

Acredita que não me sais do pensamento e que tenho a certeza absoluta de que hei-de modificar-te.

Maria Helena: conto com a tua palavra de menina portuguêsa.

Vossa amiga

GRACIETTE

carpa, em busca da cabra e do cabrito, com seu surrão e cajado.

Ao ver o lobo prestes a atirar-se à Malhadinha, correu, também, ao encontro deles e, avançando heròicamente para a fera, arremessou-lhe à cabeça, com tôda a fôrça dos seus músculos de aço, a ponta nodosa do seu grosso cajado.

Morta a fera, a Malhadinha, lançando um olhar de gratidão ao pastor que a salvara, correu para junto do Cabritinho Estouvado e, à luz da lua, branquinha e redonda como um queijo da serra, voltaram todos três para o redil. Avaliem, agora, os nossos pequeninos leitores ao que leva a desobediência e quanto vale o doce amor maternal.

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Das provas à 4.ª Quinzena dêstes concursos, organizados pelo nosso suplemento, foram apenas classificados com menção honrosa as seguintes produções que publicaremos nos próximos números:

POESIA: — «Curiosidades» de Xico Dias, — «Resposta ajuizada», por Bita, — «Ter instrução» por Oidimeotnip.

CONTO: — «O ladrão de luva branca» por Dr. Binómio Sepúlveda, «Na casinha dos brinquedos» por M. C. e «Não fui eu!...» por Carlo.

ADVERTÊNCIA DO JÚRI: — Tendo por objetivo a iniciativa dêstes concursos, estimular as vocações incipientes, facilmente se depreende que apenas são admitidas produções inéditas, motivo porque não foi incluído na respectiva apreciação o conto: — «O tesouro da ilha selvágem» que nos foi enviado já impresso, em livro.

COSTUMES PORTUGUESES

Pequeninos leitores:

Conhecer os trajos e costumes do nosso País, é um dever de todos os portugueses que prezam a Tradição e amam a sua Pátria.

O «Pim-Pam-Pum», no intuito de divulgar entre os seus pequeninos leitores a indumentária regional do País, vai começar a publicar, tôdas as semanas, desenhados duma maneira alegre e engraçada, isto é: — humoristicamente, — (pois é a forma de vocês os reterem com mais facilidade,) — os trajos de cada província. O «Pim-Pam-Pum» não ralhará àqueles que os não fixarem mas ficará contristado se tal acontecer.

Aprendam a conhecer, pois, queridos amiguinhos, os nossos costumes, que são os mais belos do mundo.

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Eu sou tudo e pouco sou,
Sou o que sou, bem a vês,
A todos sustendo d..,
Calcam-me todos aos p..!

Amai a terra e a rabiça
Do velho arado, que um dia
Sôbre a areia moved...
Fêz o pinhal de Lei...!

O GRÃOZINHO TRANSVIADO

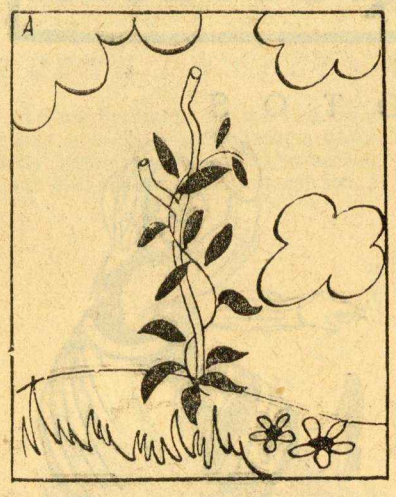
Por LÁURA CHAVES

Ao ensacarem o grão,
para ir para o mercado,
um deles caíu no chão
e ficou abandonado.

Era muito rechonchudo,
mas tinha a pele em ruguinhas,
junto do nariz bicudo,
fazia mesmo preguinhas.

Ao ver-se no chão, sòzinho,
— meu Deus o que êle sentiu! —
Mas quem se importa, grãozinho,
com aquele que caíu?

— Para que foi que nasci?
dizia em voz abafada,
— se agora estou para aqui...
Se não sirvo para nada? —



— Até me custa a dizê-lo,
se vem a Dona Humidade
nasce-me na testa um grelo
e não tenho utilidade! —

Nisto, um senhor pé passou,
que pisou o senhor grão
e muito fundo o enterrou,
sumindo-o dentro do chão.

Pobre grãozinho, coitado,
acabou-se, era uma vez!...
Ficara morto e enterrado?
Isso imaginam vocês!

Pois nesse lugar, um dia,
surgiu um rebento verde...
Na terra tudo se cria,
na terra nada se perde.

F I M

DUAS ALMAS... DOIS DESTINOS (Continuado da página 3)

Nas casas de tôda a gente
Punha o reino da ventura.

A rica dava dinheiro,
Os vestidos, os jantares,
A lenha, o pão, os remédios...
Era a fartura dos lares.

E a pobre, que era mais pobre
Do que ninguém, certamente,
Dava os seus doces carinhos
E o seu riso a tôda a gente.

Não dava lenha nem pão
Nem remédios nem dinheiro
Porque não tinha florestas,
Nem atulhado o celeiro.

Mas visitava os enfermos
Inundando-os de alegria,
Levava ao colo as crianças,
Aos velhos lume acendia.

Cozinhava a êste a ceia,
Áquele ia buscar água
E ao outro, que tinha pranto,
Consolava a dura mágoa.

Não parava um só momento
Sua pequenina mão,
Em tôda a parte brilhava
Seu bondoso coração.

Tudo quanto a rica dava
Á farta, mas sem doçura,
Ela transformava logo
Em dilúvios de ventura.

Assim, a rica era qu'rida
Como nem se faz idéa,
Mas a pobre era adorada
Por toda a gente da aldeia.

Tinha a rica reverências,
Delicadas atenções,
E a pobre tinha um altar
Em todos os corações.

E' que o melhor nesta vida,
Podeis ter disso a certeza,
Não é dar muitas esmolas:
E' ter amor à pobreza.

F I M

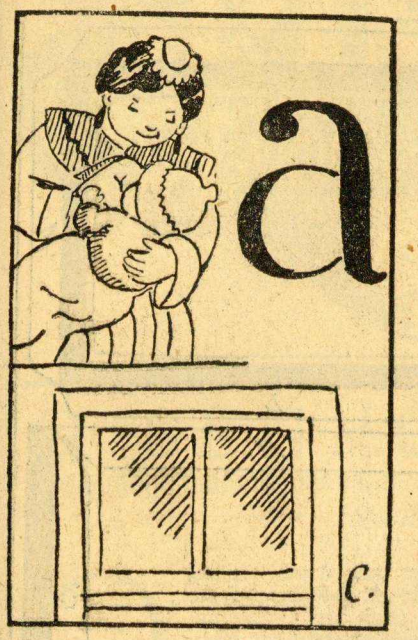
ANEDOTA

Um bom falante em plena sala:

— «Eu, minha senhora, até adivinho o que uma pessoa com quem estou falando, tem no pensamento!»

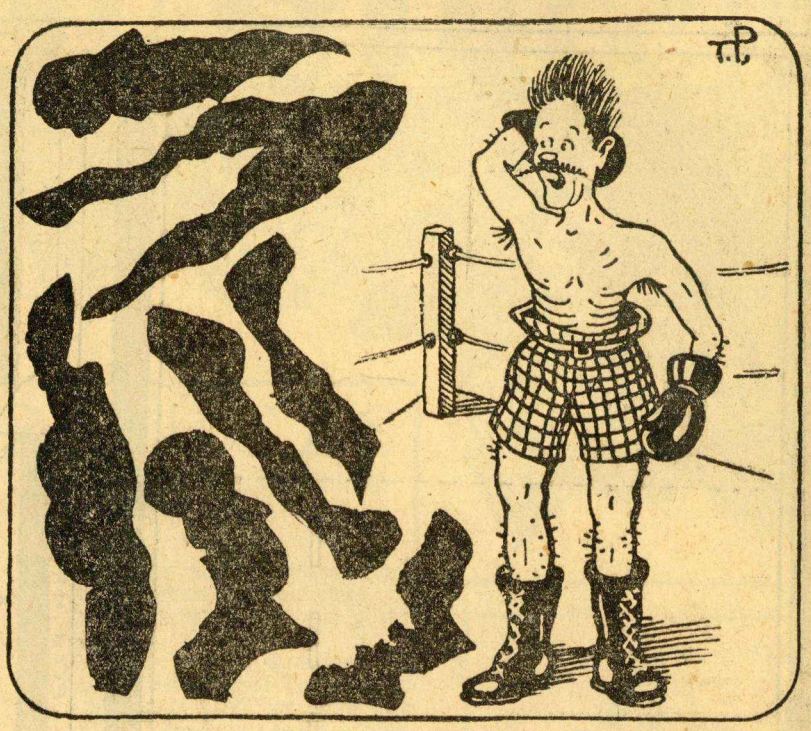
— «Ah! Então desculpe, mas creia que não era por mal!...»

HORA DE RECREIO



ENIGMA PITORESCO

Meus meninos: — O enigma acima, contém uma frase patriótica, só com 3 palavras.



Qual será o motivo do susto dêste boxeur? Quereis saber? Nada mais fácil: Recortai, com cuidado, todos êstes bocadinhos prêtos e colai-os de modo a formar a figura que tanto mêdo mete a êste trinca-espinhas.

A nossa construção

INSTRUÇÕES

A construção de hoje, é dedicada àqueles dos nossos leitorzinhos que são económicos, previdentes e que gostam de amealhar o seu «pé de meia», para, nos dias de festa, adquirirem algum brinquedo ou poderem fazer uma acção bonita. Enfim, é um lindo cofre-mealheiro, mas invulgar, pois tem a particularidade de só se poder abrir depois de ter algum dinheiro dentro. Comecemos pois: — Colem tôdas as peças em cartão forte, menos o puxador que é em cartolina. (Sigam as indicações de outras construções já publicadas. Abram as ranhuras da peça n.º 1, armem-na e colem-lhe o fundo (Peça 2) e a parte superior (Peça 3), com cola muito forte, não sem primeiro abrirem nesta última o furo e a ranhura por onde se meterá o dinheiro. Os mais habilidosos poderão usar grude. Segurem, depois, a porta colando a patilha I no sítio marcado na peça 1. Quem quiser poderá suprimir esta patilha que, com o uso, vem a romper-se e pôr uma fita de nástro a servir de dobradiça. Colem, em seguida, a peça n.º 8 na parte de dentro da porta, no sítio marcado com a letra A.

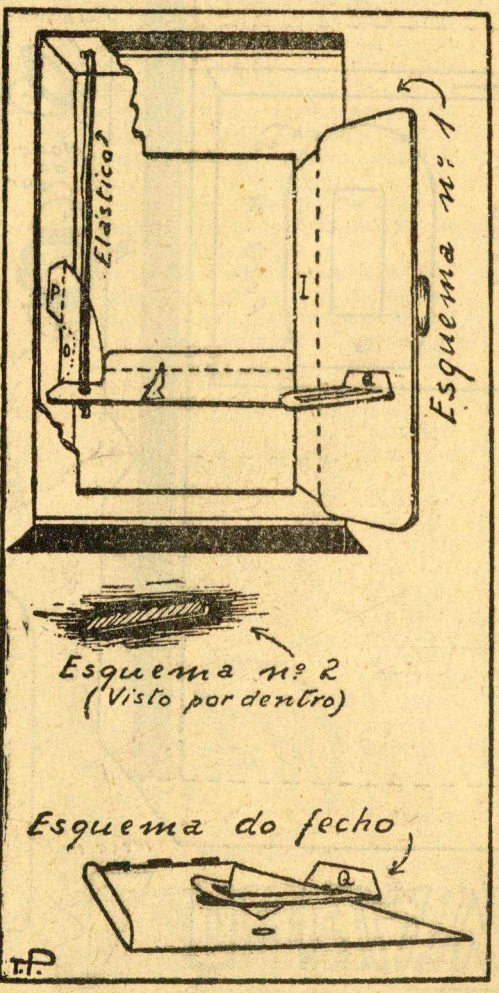
Procedam da mesma forma com a peça n.º 7, que se cola dentro da peça 1, no sítio marcado. Coloquem a peça dentro do cofre, mas sem a colar, enfiando os três bicos nas três ranhuras do mesmo.

Farão de dobradiças. Liguem, depois os dois furos R R por um elástico muito fino, que fique um pouco esticado.

Reparem, agora, que, ao fechar-se a porta, a peça n.º 8 irá encaixar-se na n.º 6 de modo que ela não se poderá abrir. Só o pêso do dinheiro, esticando o elástico e fazendo descer a peça n.º 5 a fará abrir de novo.

Prontinho. Está percebido?

Mãos à obra.



CURIOSIDADES

O cavalo pode viver até vinte e cinco dias sem tomar alimento, não lhe faltando água; dezesete dias sem comer nem beber e cinco dias, apenas, comendo mas sem beber.

ANEDOTA

— «Vem cá acima para eu te vestir outro bibe» — disse a mãi.

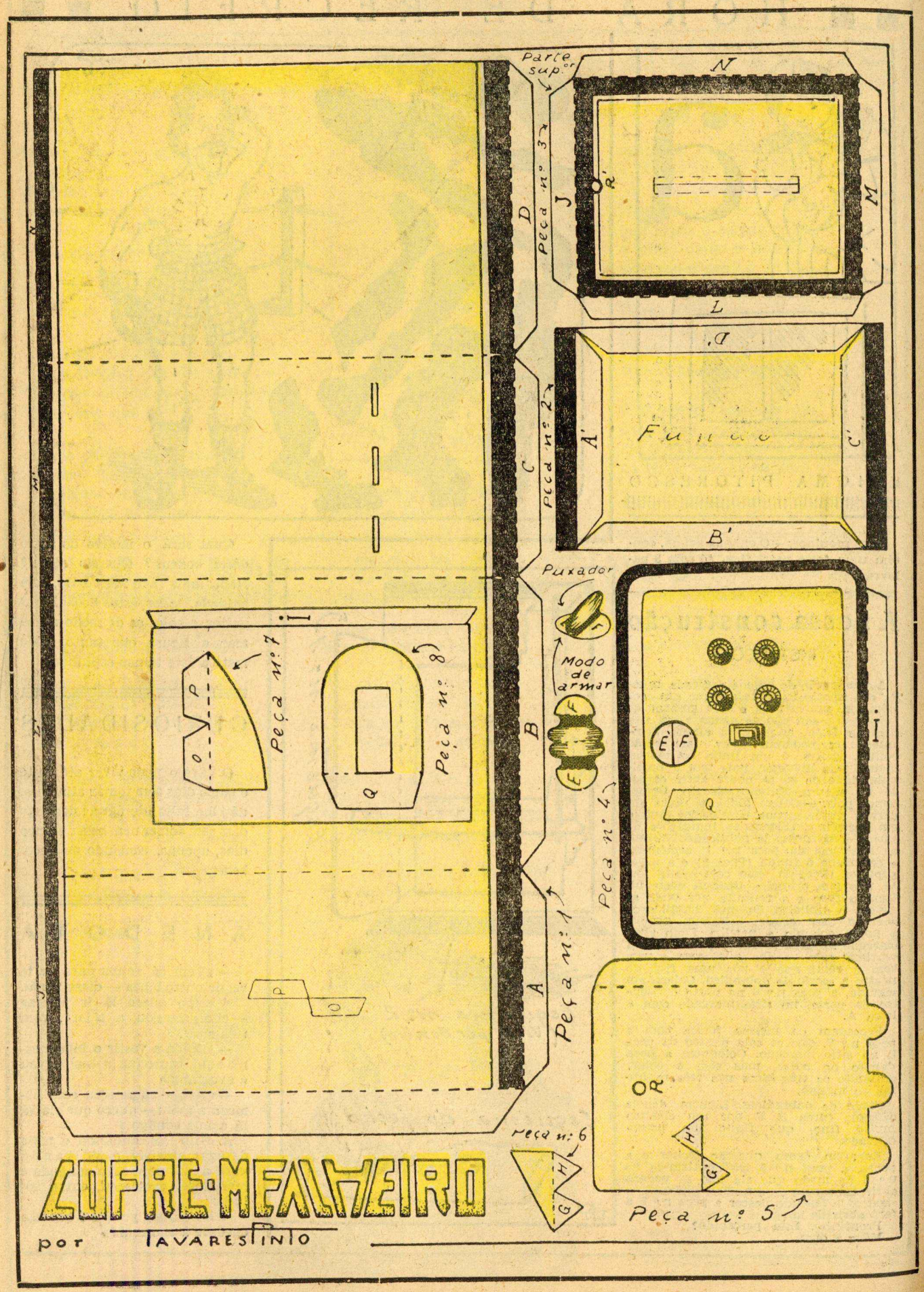
— «Não quero lá ir acima» — choramingou a Nini, com três anos.

— «Deïxa-a vestir o bibe mesmo aqui, tanto faz!» — observou a avòzinha.»

— «Não — respondeu com firmeza a mãi; — quero que ela vá lá acima comigo.»

A Nini foi andando o mais devagar possível, e, voltando para a mãi uma cara zangada e lacrimosa, exclamou, entre soluços:

— «Ó mamã, porque é que não obedece à *sua* mãi?»



COFRE-MEALHEIRO

por TAVARES PINTO